
“E COMO EU NÃO ME ENTENDERIA COM A TERRA?” – ASPECTOS DA BOTÂNICA DE HENRY DAVID THOREAU

“SHALL I NOT HAVE INTELLIGENCE WITH THE EARTH?” – ASPECTS OF HENRY DAVID THOREAU'S BOTANY



Dossiê

Imaginários Botânicos

Organizadoras:

Dra. Fabrícia Wallace Rodrigues



Dra. Isabel Kranz



Dra. Maria Esther Maciel



v. 31, n. 60, dez. 2022
Brasília, DF
ISSN 1982-9701



Fluxo da Submissão

Submetido em: 29/04/2022

Aprovado em: 20/02/2023

Distribuído sob



Klaus Eggenesperger

klausegge@gmail.com

Possui mestrado em Letras pela Universidade Hamburg, Alemanha e doutorado em Linguística pela Universidade Osnabrück, Alemanha. Leitor do DAAD na UFPR entre 1996 e 2002 e professor visitante na Universidade de Dortmund, Alemanha, em 2003. Pós-Doutorado concluído na USP, FFLCH, 2013/2014. Atualmente é professor associado da Universidade Federal do Paraná, atuando na Graduação no Departamento de Letras Estrangeiras Modernas (Área de Inglês) e na Pós-Graduação em Letras. Fundador do Grupo de Estudos Ecocríticos GEÇO na UFPR. Áreas: Ecocrítica, Literaturas de Língua Inglesa, Literatura Alemã.

Resumo/Abstract

Palavras-chave/Keywords

Apresentamos neste artigo aspectos de uma botânica romântica thoreauviana. Até o final de sua vida, o escritor era ativo como botânico de campo que levantava dados empíricos sobre a flora da sua região. Ao mesmo tempo, criticou duramente as ciências positivistas e propagava em suas obras um acesso ao mundo vegetal a partir de uma estética panteísta, envolvendo afetividade e espiritualidade. Além disso, se posicionava de forma clara contra o avanço do colonialismo interno e do capitalismo no campo, processo que implicava na instrumentalização e mercantilização da vida em geral. A combinação de pesquisa empírica com sensibilidade estética e posicionamento anticolonial de Henry David Thoreau interessa atualmente mais do que nunca.

Thoreau, botânica romântica, ensaio da natureza

In this paper we present aspects of a thoreauvian romantic botany. Until the end of his life, the writer was active as a field botanist who collected empirical data on the flora of his region. At the same time, he harshly criticized positivist sciences and propagated in his works an access to the plant world from a pantheistic aesthetic, involving affectivity and spirituality. In addition, he took a clear stand against the advance of internal colonialism and capitalism in the countryside, a process that implied the instrumentalization and commodification of life in general. Henry David Thoreau's combination of empirical research with aesthetic sensibility and anti-colonial stance is of more interest today than ever before.

Thoreau, romantic botany, nature essay

Introdução: um botânico mesmo

Em *Walden*, nos diversos ensaios naturalistas publicados, nos relatos vívidos sobre suas excursões na natureza da Nova Inglaterra e nas extensas anotações em seu diário *Journal*, Henry David Thoreau costumava reservar um espaço extenso para a observação carinhosa dos animais de sua terra, mas o mundo das plantas podia contar a cada instante com sua atenção especial. Thoreau foi um escritor naturalista com graduação em Letras, principalmente línguas e literaturas clássicas (Harvard College, 1837) e, ao mesmo tempo, autodidata em botânica. Sempre mostrou paixão para os mais variados tipos de plantas – sua moradia ao lado do lago Walden entre 1845 e 1847 é prova disso. Contudo, foi somente após Walden, durante a demorada elaboração do texto definitivo sobre esse experimento, que se debruçou sobre o estado da botânica científica da sua época. No final dos anos quarenta do século XIX (ANGELO 2016, p. xxix), Thoreau começou a fazer uso da nomenclatura latina binominal, implementada por Linnaeus no século anterior. Baseado principalmente nas caminhadas diárias nos arredores da sua cidade Concord, mas também nas excursões em outras regiões da Nova Inglaterra, o escritor elaborou seu próprio herbário até chegar a mais de noventa espécies, “no doubt one of the larger collections in Eastern Massachusetts at the time” (ANGELO, 2016, p. xxxix.). O estudo das publicações dos grandes naturalistas da sua época, de Humboldt e Darwin, e principalmente a leitura das obras de Asa Gray, pai da botânica científica estado-unidense, forneceu finalmente o instrumentário para melhorar seus conhecimentos em fitotaxonomia e pesquisar a composição das florestas locais (NABHAN, 1993, p. xiii; MCGREGOR, 2017).

Thoreau costumava fazer longos passeios diários nos arredores de Concord; era um botânico de campo (*field botanist*) altamente engajado. Suas observações ao ar livre, sempre relacionadas ao ciclo anual das quatro estações, consideravam também a fauna local, principalmente as aves. Sabia diferenciar pelo menos quatrocentas flores nativas por conta própria (THOREAU, 2016, p. xvii). Na última década

de sua vida, tinha o costume de deixar suas observações anotadas de forma detalhada tanto no seu *Journal* quanto em cadernos avulsos. O conjunto de dados científicos que ele deixou tem servido como base de pesquisas botânicas recentes para rastrear os efeitos da atual mudança climática nas plantas e animais de Concord. Assim, o pesquisador Richard B. Primack e sua equipe descobriram que muitas espécies de flores silvestres que Thoreau observou, incluindo grupos familiares como íris, ásteres e lírios, diminuíram em abundância ou já desapareceram de Concord (PRIMACK, 2015) como consequência do aumento da temperatura média anual. O fato de Thoreau ter deixado tanto um registro botânico quanto da vida animal da sua região, que pode servir de base para pesquisas cento e cinquenta anos depois, demonstra a qualidade científica das suas observações empíricas.

Gary Paul Nabhan, renomado ecologista agrícola estado-unidense, etnobotânico e pioneiro do movimento alimentar local, destaca os “remarkably acute ecological insights into plant-animal interactions” de Thoreau (NABHAN 1993, xiv). Neste sentido, a referência principal além do *Journal* é a palestra “The succession of forest trees”, que o autor oitocentista enunciou e publicou em 1860. Nabhan explica que

[...] Thoreau went beyond taking mere snapshots of the forest that stood before his eyes to explore the processes that led to his regeneration. More than any other botanist of his time, Thoreau moved past the mere naming of trees – the nouns of the forest – to track its verbs: the birds, rodents, and insects that pollinate flowers or disperse seeds, and all the other agents that shape the forest’s structure. (NABHAN, 1993, p. xvi).

Tudo isso mostra um Thoreau empolgado em entender a rede de seres vivos de um determinado ambiente, a ligação entre fauna, flora, solo, água, atmosfera. Todavia, somente pesquisar e publicar não foi suficiente para um intelectual com tanta disposição para o agir prático. Não querendo deixar o combate ao desflorestamento somente para os pássaros, roedo-

res e insetos, plantou quatrocentos mudas de pinho e cem de alerces (gên. *Larix*) em volta do lago Walden (WALLS, 2017, p. 439), onde uma década e meia atrás tinha construído sua famosa cabana – região que se encontrava agora degradada pelo desmatamento.

Nos dias de hoje, Thoreau é considerado o primeiro ecologista norte-americano, embora durante sua vida conceitos como ecologia, meio ambiente ou conservacionismo ainda não estivessem em uso. De qualquer forma, seu entendimento acerca dos processos naturais e do reino das plantas foi muito além das ciências naturais positivistas em pleno desenvolvimento durante o século XIX. Destacamos em seguida aspectos da botânica thoreauviana que, na sua combinação, são únicos entre os escritores românticos do mundo oitocentista e na vida intelectual ocidental até hoje.

Duas culturas ou uma? Ciência ou con-ciência?

Durante a vida adulta inteira, Thoreau apontou os defeitos das ciências positivistas do seu tempo; estas críticas encontram-se agora reunidas na pequena compilação *Material Faith: Thoreau on Science*, elaborada por Laura Dassow Walls em 1999. “The inhumanity of Science concerns me” (THOREAU, 1999, p. 63) ou “we want something more comprehensive & assertive which may be called conscience perhaps” (p.9) são comentários típicos de Thoreau. Insatisfeito com a ciência dominante, o jovem escritor-cientista procura transformá-la em **con-ciência**, um saber que combina a pesquisa empírica com responsabilidade ética e sensibilidade estética. Como outros autores românticos, ele rejeita a separação cada vez mais profunda entre as ciências exatas e as humanas. “How differently the poet and the naturalist look at objects!” anota Thoreau no ensaio *Autumnal Tints* (THOREAU, 2013, p. 314). Cem anos mais tarde formularia C. P. Snow; “Num polo os literatos; no outro, os cientistas [...]. Entre os dois, um abismo de incompreensão mútua” (SNOW, 2015, p. 21).

Dassow Walls aponta na sua biografia, que Thoreau é “the scientist among poets, and the poet among scientists – the one person in America who could make poetry and science

not two things but one” (WALLS, 2016, p. 307). No entanto, a sensibilidade ecológica de Thoreau ainda vai mais longe: lendo sua obra, começamos não somente a questionar o abismo entre as letras e as ciências, mas a divisão entre cultura humana e natureza na tradição ocidental em geral. “E como eu não me entenderia com a terra? Não sou também folha e húmus?” pergunta-se o eu-narrador em *Walden* (THOREAU, 2017a, p. 137). Humanos e não-humanos estão sujeitos às mesmas leis naturais; assim, Thoreau fala de árvores como família: “Old trees are our parents, and our parents’ parents, perchance” (Thoreau *apud* HIGGINS, 2017, p.38; a citação é do *Journal*, dia 23.10.1855).

Esta condição de parentesco leva Thoreau também a duvidar dos métodos científicos em uso. Um dos pilares da ciência moderna – o postulado da neutralidade e objetividade do pesquisador que olha para seu objeto de estudo sempre a partir de uma posição externa –, em vigor desde Francis Bacon, é questionado principalmente no *Journal*. Neste espaço privativo, o autor tem toda liberdade para desenvolver suas reflexões sem precisar levar em conta seu público leitor, amigos ou instituições. No dia 5 de novembro de 1857, ele anota: “I think that the man of science makes this mistake, and the mass of mankind along with him: that you should coolly give your chief attention to the phenomenon which excites you as something independent on you. The important fact is its effect on me.” (THOREAU, 1999, p. 80).

Desse modo, Thoreau não aceita nenhuma forma de reducionismo científico que exclui de antemão todo contexto individual, social e cultural em torno de uma determinada pesquisa. Recentemente, desde as publicações de Donna Haraway (iniciadas na década de 1980) e outras pesquisadoras feministas, faz-se uso de conceitos como “situated knowledge” (WALLS, 1995, p. 11) ou “relational knowing” (*ibidem*, p. 206), que conflitam de certa maneira com o *mainstream* das ciências da natureza.

Thoreau encenou esse conflito no campo linguístico de forma muito jocosa, satirizando a nomenclatura binominal botânica que ele mesmo, como todo pesquisador sério, costumava utilizar. Em seu ensaio, *Maçãs silvestres*, inven-

ta nomes “científicos” cômicos, visto que os nomes oficiais são tão limitados, não conseguindo captar aquilo que o autor gostaria de destacar ao lembrar de uma determinada planta individual ou de uma espécie:

Há, primeiramente, a Maçã-Madeira (*Malus sylvatica*); a Maçã Gaio-azul; a Maçã que cresce nos Vales dos Bosques (*sylvestrivallis*), também em Cavidades das Pastagens (*campestrivallis*); a Maçã que cresce nas velhas Lacunas de Porões (*Malus cellaris*); a Maçã dos Prados; a Maçã-Perdiz; a Maçã do Aluno que mata aulas (*cessatoris*), pela qual nenhum menino passa sem pegar algumas, por mais tarde que seja; a Maçã do Caminhante, para a qual você deve se perder antes de encontrá-la; a Beleza do Ar (*Decks Aëris*); a Maçã para comer em Dezembro; a Congelada-descongelada (*gelato-so-luta*), boa apenas nessas condições [...]. (THOREAU, 2021a, p. 38).

O trecho da lista parcialmente apresentada acima preenche quase uma página inteira. Para Thoreau, consciência exige considerar sempre os diversos contextos que influenciam o entendimento de um fenômeno natural e implica em admitir o parentesco de um pesquisador humano com todos os seres vivos.

Estética, afeto e espiritualidade thoreauvianas

O principal movimento romântico americano nos campos de literatura, filosofia/teologia, cultura e reforma social foi o transcendentalismo, liderado pelo ex-pastor unitário Ralph Waldo Emerson, quem foi também o mentor de Thoreau. O verdadeiro ministério de Emerson, sua nova igreja, era a natureza – não para estudar suas formações materiais, mas para ir além, para teorizar a lei formativa e a verdade viva da alma do mundo, o *World Soul* (WALLS, 2021, p. 297). Thoreau compartilhava o panteísmo do seu mentor, embora com uma vocação muito mais prática. Na última década da sua vida, ele mudou, de certa maneira, de um panteísta idealista para um panteísta materialista, mas nunca deixou de ser um intelectual profundamente religioso. No dia 9 de

setembro de 1851, por exemplo, ele anota no *Journal*: “To watch for describe all the divine features which I detect in Nature. My profession is to be always on the alert to find God in nature – to know his lurking places.” (THOREAU, 1993, p. 207, posição 4566).

Olhando para seus contemporâneos, Thoreau observou aquilo que Michael Löwy e Richard Sayre, baseados em Max Weber, identificam como o desencantamento e a quantificação do mundo (SAYRE/LÖWY, 2021, p. 13), problemática central nos primeiros capítulos de *Walden*. Considerar como valor supremo não o dólar ou o sucesso social, mas a espiritualidade da natureza, “the divinity in Nature”, como o autor escreve no mesmo dia (9.9.1851) – isso implica em uma atitude romântica-anticapitalista, embora esse vocábulo político ainda não estivesse à disposição discursiva de Thoreau. E mais: a concepção ecológica atual de uma “unidade da natureza como uma totalidade orgânica/inorgânica, que assume a forma de uma rede complexa de ligações”, que tem “estreitas afinidades com as visões românticas prevaletentes da natureza” (SAYRE/LÖWY, 2021, p.25), também vai ao encontro da visão thoreauviana.

Levar essa espiritualidade panteísta a sério traz consequências substanciais. Quem parte do princípio que toda vida é divina, olha com desgosto para práticas de instrumentalização e exploração da natureza humana e não-humana. A obra de Thoreau está cheia de críticas agudas como a apresentada no ensaio-relato de viagem *Chesuncook*:

There is a higher law affecting our relation to pines as well as to men. A pine cut down, a dead pine, is no more a pine than a dead human carcass is a man. Can he who has discovered only some of the values of whalebone and whale oil be said to have discovered the true use of the whale? Can he who slays the elephant for his ivory be said to have “seen the elephant”? These are petty and accidental uses; just as if a stronger race were to kill us in order to make buttons and flageolets of our bones; for everything may serve a lower as well as a higher use. Every creature is better alive than dead, men and moose and pine trees, and he who understands it aright will ra-

ther preserve its life than destroy it. (THOREAU, 2009, p.112).

Tanto pinheiros como humanos são seres vivos que não deveriam ser reduzidos a um simples valor utilitário. Ao observar o desmatamento desenfreado da sua região, a destruição das florestas originais da Nova Inglaterra, dos seus pinheiros e da sua população de alces, Thoreau insiste que toda criatura é melhor viva do que morta, o que inclui não somente mamíferos e aves, mas também o mundo vegetal em geral. O pinheiro, ele anota, “is as immortal as I am, and perchance will go to as high a heaven, there to tower above me still” (THOREAU, 2009, p.113). Junto com o eu-narrador, a árvore também pode ir para o céu, onde encimaria eternamente seu Defensor. Neste sentido, Robert Kuhn McGregor informa: “When the *Atlantic Monthly* published the essay in 1858, the editor [...] recognized the lack of proper Christian sentiment in this sentence and struck it out. Thoreau was furious.” (MCGREGOR, 2017, p. 99). Partindo de imagens como essa, Thoreau torna linguisticamente vívido o que um panteísmo sincero significa para ele. Seres humanos e alces e pinheiros devem viver em comunhão.

Thoreau é considerado fundador do moderno *nature essay* anglo-americano, gênero ensaístico não ficcional sobre aspectos da natureza. Apesar de todo rigor científico-empírico, costumava polemizar contra a linguagem seca da ciência e exigia uma forma de expressão fascinante, literária e mesmo “elevada” para a elaboração escrita das suas observações, explorações da natureza e também as suas reflexões associadas a elas. O que Thoreau queria alcançar, contudo, não era uma poetização, exaltação ou estetização daquilo que ele percebia em contato com a natureza (no sentido da famosa sentença do romântico Novalis, de que o mundo precisa ser romantizado). Em primeiro lugar, Thoreau insistia na importância dos afetos na relação entre humanos – natureza, ressaltando a importância do conhecimento corporal e sensual. Não aceitava a divisão radical da existência humana em racionalidade e corporeidade, que ainda hoje é muito eficaz. Nos ensaios e anotações sobre as frutas da sua região,

evoca com todas as artimanhas literárias que estão a sua disposição as experiências sensoriais e sensuais dos cinco sentidos: visão, audição, paladar, olfato e tato. Entre os meses de agosto e setembro, por exemplo, bastaria entrar no mato e nos campos à volta de Concord para encontrar mirtilos selvagens em qualidade e quantidade extraordinárias:

Eles são de várias formas, cores e sabores: alguns redondos, outros em forma de pera, alguns pretos brilhantes, outros pretos opacos, alguns azuis com uma casca dura e grossa (embora nunca sejam do peculiar azul claro de mirtilos com flores), alguns mais doces, outros mais insípidos, e assim por diante — mais variedades do que os botânicos têm conhecimento.

Hoje, talvez, você colete alguns daqueles grandes, geralmente em forma de pera, doces e azuis que crescem altos e finos em meio ao entulho onde as madeiras foram cortadas. Eles não dão ali faz um século, sendo sombreados e limitados pela floresta, mas eles concentraram mais os seus sumos e se beneficiaram com as novas receitas que a Natureza lhes deu, e agora, eles oferecem-lhe frutas do sabor mais refinado, como vinho da safra mais antiga. E amanhã você chegará a um solo forte e úmido, onde os pretos reluzem com tanto brilho, cada um de olho em você, e os azuis são tão grandes e firmes que você mal pode acreditar que sejam mirtilos silvestres, ou comestíveis; mas parece que você viajou para um país estrangeiro, ou então que está sonhando. (Thoreau, 2021b, p. 46).

Até hoje, o gênero *nature writing* na tradição anglo-americana funciona desta maneira thoreauviana: através da arte estético-literária, tenta-se evocar na imaginação do leitor de forma precisa e tangível o que foi visto, explorado e experimentado pelo sujeito em contato com os mais variados fenômenos naturais, que os relata.

Pensando bem, trata-se de uma reivindicação literária e social nada modesta. Para estudar a natureza, é necessário participar dela, passar bastante tempo inserido nela. Por exemplo, fazer caminhadas extensas por várias horas ao dia ao ar livre, independente do tempo, ou morar por dois anos numa cabana no mato ao lado de um lago; ficar exposto às quatro esta-

ções. Depois, para evocar essas experiências imersivas de maneira impactante no ensaio, relato de viagem, é preciso ter uma boa formação literária, muito talento e um esforço constante de escrever. Thoreau demorou anos ao elaborar no total sete versões de *Walden*, até ficar finalmente satisfeito e publicar o texto definitivo. No seu *Journal*, no dia 13 de outubro de 1860, reflete sobre o ofício de um escritor naturalista. O poeta precisa descrever “the most familiar object with a zest and vividness of imagery as if he saw it for the first time, the novelty consisting not in the strangeness of the object, but in the new and clearer perception of it”, anota Thoreau (THOREAU, 2017b, p. 1214). Na entrada do mesmo dia, o cientista-poeta deixa claro quais são as suas preferências:

[...] The scientific differs from the poetic or lively description somewhat as the photographs, which we so weary of viewing, from paintings and sketches, though this comparison is too favorable to science. All science is only a makeshift, a means to an end which is never attained. After all, the truest description, and that by which another living man can most readily recognize a flower, is the unmeasured and eloquent one which the sight of it inspires. No scientific description will supply the want of this, though you should count and measure and analyze every atom that seems to compose it. (13.10.1860; THOREAU, 2017b, p. 1212-1213).

A experiência completa de determinado fenômeno natural não exclui a ciência, mas exige principalmente uma abordagem estética-sensual e implica, além disso, numa ética de reconhecimento e de responsabilidade. Ao longo da obra thoreauviana, encontramos várias passagens tematizando uma sintonia completa do sujeito com a natureza ao redor. Às vezes, o sentimento pode atingir um estado de epifania, desencadeado por uma imersão sensorial-sensual tão forte que parece resultado do uso de entorpecentes – algo pouco provável no abstêmio convicto que Thoreau era (muito esclarecedor neste sentido é BENNETT, 2021). Um trecho do capítulo “Solidão”, de *Walden*, sirva de exemplo:

No meio de uma chuva mansa, tomado por esses pensamentos, de súbito senti uma companhia tão doce e benéfica na Natureza no próprio tamborilar das gotas de chuva, em cada som e cada imagem ao redor de minha casa, uma amistosidade infinda e inexplicável, tudo ao mesmo tempo, como uma atmosfera me sustentando, que as imaginadas vantagens da proximidade humana se tomaram insignificantes, e desde então nunca mais pensei nelas. Cada pequena agulha de pinheiro se expandia e se dilatava de simpatia e se fazia amiga. Tive uma percepção tão clara da presença de uma afinidade [...]. (THOREAU, 2017a, p. 131).

“All good things are wild and free” – decolonialidade selvagem

O botânico cientista, transcendentalista romântico, entusiasta e amante da natureza, Henry D. Thoreau, tinha uma cabeça decididamente política. Dependendo da leitura, *Walden* pode ser considerado uma espécie de pastoral radical que participa daquilo que Lance Newman chama de “Landscapes of revolution in transatlantic romanticism” (NEWMAN, 2019, p. 21). O engajamento abertamente político documentado sobretudo nos ensaios thoreauvianos contra a escravidão nos EUA *ante bellum* vem da mesma fonte transcendentalista de que bebe o botânico-naturalista. “Simpatia com inteligência” (THOREAU, 2012, p. 92), todos os seres vivos merecem.

Nas suas escritas sobre o mundo vegetal, principalmente aquelas sobre as selvas e frutas nativas da Nova Inglaterra, Thoreau critica o crescente domínio destrutivo da civilização. Uma de suas frases mais citadas no mundo anglo-americano enuncia: “todas as coisas boas são selvagens e livres” (THOREAU, 2012, p. 84; no original inglês: “all good things are wild and free”). Thoreau enfatiza o contato com a natureza ainda não completamente dominada. Depois de uma noite na cadeia de Concord por deliberadamente não ter pago impostos ao governo durante vários anos (“não reconheci a autoridade do Estado que compra e vende homens, mulheres e crianças como gado” (THOREAU, 2017a, p.166), ele relata em

Walden: “fui solto no dia seguinte, peguei meu sapato consertado e voltei para a mata em tempo de almoçar meus mirtilos em Fair-Haven Hill” (ibidem), um dos lugares naturais favoritos do autor, situado ao sul do famoso lago.

O livre acesso às frutinhas silvestres da sua região era existencial para Thoreau: “Lembro-me bem com que sensação de liberdade e espírito de aventura costumava fazer meu caminho por meio dos campos com meu balde, alguns anos depois, em direção a alguma colina ou pântano distante, quando estava dispensado o dia todo” (THOREAU, 2021b, p. 67). Contudo, a época dos campos abertos, do uso comum de partes da terra nos arredores da cidade, dos *commons*, esse tempo com sua plena liberdade vegetal – e da liberdade humana, a dos cidadãos para desfrutar à vontade –, estava acabando. “Mas, ah, chegamos em dias ruins!”, Thoreau exclama em *Mirtilos silvestres*, para continuar:

Ouçõ falar de colhe-dores mandados embora dos campos de mirtilos silvestres e vejo estacas armadas com avisos por escrito proibindo qualquer pessoa de colher ali. Alguns alugam seus campos ou liberam um tanto para a colheita. *Sic transit gloria ruris*. Não pretendo culpar ninguém, mas todos — lamentar nossos destinos em geral. Não somos gratos o suficiente por termos vivido uma parte de nossas vidas antes que essas coisas ocorressem. O que acontece com o verdadeiro valor da vida no campo, o que, se você tiver que ir ao mercado para tê-la? (THOREAU, 2021b, p. 67-68).

O autor, que critica a tendência de cercar e privatizar as terras (*enclosure*), elaborou um ensaio inteiro, *Walking*, para propagar a atividade transgressora de caminhar sem destino definido. Janet Fiskio comenta que são “the boundaries, both disciplinary and material, that Thoreau insists on crossing” (FISKIO, 2014, p. 139). Em *Walden*, no *Journal* e nos ensaios sobre diversas frutas silvestres, Thoreau polemiza constantemente contra a crescente mercantilização do mundo vegetal como consequência do progresso capitalista. Na sua

região, com presença de colonos ingleses há mais de duzentos anos, ele observa que o processo da colonização interna ainda estava em plena aceleração. Colonização, neste sentido, significa que

[...] a Natureza-vida, já relegada à sua condição de **mero recurso**, será pensada de modo linear, concebida e tratada como objeto de conquista e de exploração a serviço da acumulação. A ideia de **colonialidade da Natureza** remete a esse dispositivo epistêmico por meio do qual o capital traçou uma trajetória de **objetificação**, **cientificação** e **mercantilização** da Natureza. (ARÁOZ, 2016, p.455).

Obviamente, o vocabulário sociológico-acadêmico documentado aqui nesta citação (de um texto de 2016) não estava à disposição de Thoreau, e se estivesse, provavelmente não o teria usado. Mas seus leitores brasileiros reconhecem, nas palavras do autor estadunidense de aproximadamente cento e setenta anos atrás, facilmente a situação atual do assim chamado agronegócio, quando ele observa em *Walden*:

Por avareza e egoísmo, e por um hábito degradante, do qual nenhum de nós está livre, de olhar o solo como propriedade ou principalmente como meio de adquirir propriedades, a paisagem é deformada, a agricultura é degradada junto conosco, e o agricultor leva a mais mesquinha das vidas. Ele conhece a Natureza apenas como ladrão. (THOREAU, 2017a, p.162).

A plenitude da vida não combina com o capitalismo no campo, ao contrário. Mas “[a] vida combina com o elemento selvagem. O mais vivo é o mais selvagem.” (THOREAU, 2012, p.75).

Considerações Finais

Durante sua vida adulta, o botânico amador Thoreau realizou estudos de campo cada vez mais profissionais, mas sempre acompanhou suas atividades práticas com reflexões de cunho cultural (principalmente sobre questões indígenas), político, estético, moral, espiritual e epistemológico. Todas estas facetas da produ-

ção thoreauviana repercutem hoje em dia, quando universidades em todo mundo incluem as obras do autor em seus currículos oficiais. Uma das razões da popularidade do autor oitocentista tem a ver com aquilo a que chamamos de modernidade capitalista, um fenômeno global que traz consigo certas consequências sociais básicas. Uma delas é que a esmagadora maioria da população tanto nos EUA atuais como no Brasil está vivendo em centros urbanos. O contato de crianças e adultos com fenômenos naturais é muito reduzido, e conhecimentos sobre fauna e flora nativos são rudimentares. Simplesmente não estamos mais conectados com o mundo vegetal como as gerações anteriores: estamos correndo o risco de nos tornarmos pessoas sem olfato, sem paladar, sem visão e sem empatia. Os textos botânicos-literários de Thoreau oferecem ao leitor compartilhar intensas e valiosas experiências naturais, experimentar uma imersão estética e afetiva que está sempre acompanhada por reflexão intelectual e introspecção subjetiva.

Sabemos que nenhum texto pode substituir o contato com a realidade extraliterária, mas de acordo com sua qualidade, pode oferecer perspectivas novas para enfrentar com simpatia uma realidade vegetal complexa que costumamos ignorar, apesar de toda a boa vontade passível de mobilizarmos. Em seu ensaio tardio *Autumnal Tints*, Thoreau aborda esta questão a partir da longa experiência própria como botânico amador:

There is just as much beauty visible to us in the landscape as we are prepared to appreciate, — not a grain more. The actual objects which one man will see from a particular hill-top are just as different from those which another will see as the beholders are different. The Scarlet Oak must, in a sense, be in your eye when you go forth. We cannot see anything until we are possessed with the idea of it, take it into our heads, — and then we can hardly see anything else. In my botanical rambles, I find, that, first, the idea, or image, of a plant occupies my thoughts, though it may seem very foreign to this locality, — no nearer than Hudson's Bay, — and for some weeks or months I go thinking of it, and expecting it, unconsciously, and at length I surely see it. This is the history of my finding a

score or more of rare plants, which I could name. A man sees only what concerns him. (THOREAU, 2013, p. 314-315).

Neste sentido, Thoreau nos ajuda a abrir os olhos, treinar a sensibilidade durante nossos *botanical rambles*, os passeios botânicos que podemos fazer nas matas e selvas, nos campos desfigurados pelo agronegócio, no centro de uma cidade grande ou nos seus subúrbios, nas praias belas, mas poluídas, em qualquer lugar onde há vida vegetal.

Referências

- ANGELO, Ray. Thoreau as Botanist. In: THOREAU, 2016, p. xxvii-xliii.
- ARÁOZ, Horacio Machado. O debate sobre o “extrativismo” em tempos de ressaca: a Natureza americana e a ordem colonial. In: DILGER, G.; LANG, M.; PEREIRA FILHO, J. (org.). *Descolonizar o imaginário: debates sobre pós-extrativismo e alternativas ao desenvolvimento*. Tradução de Igor Ojeda. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2016, p. 444-468.
- BENNETT, Jane. Thoreau experiments with natural influences. In: Branka ARSIĆ (ed.). *Dispersion: Thoreau and vegetal thought*. New York; London: Bloomsbury Academic, 2021. Edição do Kindle.
- EGGENSPERGER, Klaus (ed.). *Entre botânicas decoloniais: as frutas silvestres de Henry David Thoreau e frutas brasileiras*. Curitiba: Appris, 2021.
- FISKIO, Janet. Sauntering across the border: Thoreau, Nabhan, and food politics. In: Louise WESTLING (ed.). *The Cambridge Companion to literature and the environment*. New York: Cambridge University Press, 2014, p. 136-151.
- HIGGINS, Richard. *Thoreau and the language of trees*. Oakland: University of California Press, 2017.
- NABHAN, Gary Paul. Learning the language of fields and forests. In: THOREAU 1993, p. xi-xvii.
- MCGREGOR, Robert Kuhn. *A wider view of the universe: Henry Thoreau's study of nature*. McFarland & Company, Inc., Publishers, 2017. Edição do Kindle.

- NEWMAN, Lance. *The literary heritage of the environmental justice movement: landscapes of revolution in transatlantic romanticism*. London: Palgrave Macmillan, 2019.
- PRIMACK, Richard B. *Walden Warming: Climate Change Comes to Thoreau's Woods*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 2014. Edição do Kindle.
- SAYRE, Robert; Michael LÖWY. *Anticapitalismo romântico e natureza: o jardim encantado*. Trad. São Paulo: Ed. UNESP, 2021.
- SNOW, C.P. *As Duas Culturas e uma Segunda Leitura*. Trad. Geraldo Gerson de Souza, Renato de Azevedo Rezende Neto. São Paulo: Edusp, 2015.
- THOREAU, Henry David. *A Year in Thoreau's Journal*. Edição do Kindle. Penguin Classics, 1993.
- THOREAU, Henry David. *Material faith: Thoreau on science*. Ed. Laura Dassow WALLS. Boston; New York: Houghton Mifflin, 1999.
- THOREAU, Henry David. *The Maine woods: a fully annotated edition*. Ed. Jeffrey S. Cramer. New Haven; London: Yale UP, 2009.
- THOREAU, Henry David. *Caminhando*. Trad. R. Muggiati. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.
- THOREAU, Henry David. *Essays: a fully annotated edition*. Ed. Jeffrey S. Cramer. New Haven; London: Yale UP, 2013.
- THOREAU, Henry David. *Thoreau's Wildflowers*. Ed. Geoff Wisner; illustr. Barry Moser. New Haven; London: Yale UP, 2016.
- THOREAU, Henry David. *Walden*. Trad. Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2017a.
- THOREAU, Henry David. *Thoreau's Journals*. Edição do Kindle. Delphi Classics, 2017b.
- THOREAU, Henry David. Maçãs silvestres. Trad. Isabelle Maria Soares. In: EGGENSPERGER 2021, p. 17-43. [THOREAU, 2021a]
- THOREAU, Henry David. Mirtilos silvestres. Trad. Luah Kugler. In: EGGENSPERGER 2021, p. 45-74. [THOREAU, 2021b]
- WALLS, Laura Dassow. *Seeing new worlds: Henry David Thoreau and the nineteenth-century natural science*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1995.
- WALLS, Laura Dassow. *Henry David Thoreau: a life*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 2017.
- WALLS, Laura Dassow. The World Soul in American Transcendentalism. In: James WILBERDING (ed.). *World Soul: a history*. New York: Oxford University Press, 2021, p. 290-313.

COMO CITAR

EGGENSPERGER, K. “E como eu não me entenderia com a terra?” – Aspectos da botânica de Henry David Thoreau. *Revista Cerrados*. *Revista Cerrados*, 31(60), 25-33. 2022. <https://doi.org/10.26512/cerrados.v31i60.43122>